

P.R. manda tu me

# Virada 'quatroanista' começa na bancada do PMDB da Bahia

**ROBERTO LOPES**  
Enviado especial a Brasília

"A vida continua. A verdade está no plenário." Com estas palavras, saídas de um sorriso nervoso e francamente decepcionado, o ministro da Habitação, Urbanismo e Meio Ambiente, Prisco Viana, 54 — um dos mais íntimos colaboradores e amigos do presidente José Sarney —, tentou, pelo telefone, acalmar sua mulher, Sílvia Regina (que, na verdade, estava mais preocupada com o estado emocional do marido, do que com o encurtamento do mandato do presidente).

Eram 13h20. Prisco deu um último repasse no mapa de votação que, traçado pelo plenário da Comissão de Sistematização do Congresso constituínte apenas sete minutos antes, reduziria a gestão de Sarney para quatro anos (pelo menos até a próxima e definitiva votação sobre o assunto, no plenário da Constituinte, no princípio do ano que vem). O ministro levantou-se, então, apressado da mesa do líder do Governo na Câmara — deputado Carlos Sant'Anna (PMDB-BA) —, e desapareceu por uma porta lateral do gabinete da liderança.

O ministro do Planejamento, Aníbal Teixeira, pensou que ele estivesse indo telefonar de uma outra sala para o presidente da República, mas Prisco já tinha se esquecido de Aníbal, do secretário de Ação Comunitária do Governo, Fernando Proença, e do chefe da assessoria técnica da liderança, Ubirajara Pinto — que, com ele, acompanharam, durante toda a manhã, da sala de Sant'Anna,



O ministro Prisco Viana chega ao Alvorada para conversar com José Sarney

a sessão da Comissão de Sistematização. Prisco estava, já, a caminho de seu carro e do Palácio da Alvorada.

O ministro da Habitação falara pela última vez com José Sarney por volta do meio-dia. Prisco tinha voltado de uma fracassada tentativa de convencer o senador Nelson Carneiro (PMDB-RJ), centro, a rejeitar os quatro anos, quando recebeu o recado de que o presidente tinha ligado, queria falar com ele. Ele passou para uma saleta contígua e reapareceu cerca de dez minutos depois. "O presidente está como uma pessoa que sabe que não tem mais nada a fazer,

se não esperar o resultado da votação. Agora, ele está convencido de que as lideranças aqui (no Congresso) levaram a Sistematização a uma posição de confronto com ele", disse Prisco.

## Bahia

Aníbal Teixeira contou que Sarney lhe dissera exatamente o mesmo às 22h30 de sábado, durante um telefonema. O primeiro sinal de que a situação do governo Sarney se agravava apareceu no princípio da noite de sábado, quando ficou confirmada a notícia de que, naquela tarde, o governador da Bahia, Waldir Pires,

disparara uma série de ligações para Brasília, tentando assegurar mais quatro votos da bancada do PMDB baiano na Comissão de Sistematização para a emenda que estabelecia o mandato de quatro anos, de autoria do deputado Jorge Hage (outro peemedebista da Bahia). Afundado, ontem pela manhã, em uma poltrona do plenário da Sistematização, o deputado Genebaldo Correia (PMDB-BA), 46, centro-esquerda, coordenador da bancada do PMDB da Bahia na Câmara, tinha um ar fatalista. "Eu fiz tudo para aproximar o Waldir do presidente, mas o presidente nunca nos fez um aceno de boa vontade. Primeiro prestigiou o Antônio Carlos (Magalhães, ministro das Comunicações) que é nosso inimigo político, depois fez um ministro (Prisco Viana) do nosso Estado sem consultar o nosso governador. A Bahia não tem dinheiro, quer dizer, é só porrada. Deu nisso aí."

Quando chegou ao Congresso, ontem às 10h, Prisco Viana encontrou o repórter da Folha a quem dissera, na tarde de sábado, que o governo contava com uma vitória na Comissão de Sistematização, na pior das hipóteses com 53 votos. "Nós ontem tivemos um abalo com a ação do Waldir, nossa vantagem caiu para 49". Aquela altura, o ministro da Habitação já sabia também que dificilmente poderia contar com o voto do relator da Sistematização, deputado Bernardo Cabral (PMDB-AM). Pouco antes das 13h, quando Cabral, em um discurso, antecipou sua posição favorável aos quatro anos, Prisco, no gabinete de Sant'Anna, não se conteve: "O Bernardo é isso. Vai, volta, vai lá, vem

cá, a gente nunca sabe com quem ele está."

## As chances diminuem

As chances do governo evitar o encurtamento do mandato de José Sarney passaram a se esvaír mais rapidamente na manhã de ontem. De sua casa, na chamada península dos Ministros (Lago Sul de Brasília), o ministro-chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, colecionou, em vários telefonemas dados a constituintes, várias decepções. O deputado Mário Lima (PMDB-BA), 52, esquerda, disse a Costa Couto que pretendia atender o apelo que lhe fora feito pelo governador baiano Waldir Pires, mas que tanto ele como seus outros três colegas do PMDB da Bahia — deputados Virgildásio Senna (centro-esquerda), Francisco Pinto (esquerda) e Celso Dourado (centro-esquerda) — assinariam um documento comprometendo-se a reexaminar sua posição na definitiva votação sobre o assunto, no começo de 88. Mas a conversa do chefe do Gabinete Civil com o deputado Francisco Dornelles (PFL-RJ), 52, de centro, foi bem pior.

Dornelles disse a Costa Couto que tinha resolvido apoiar a emenda dos quatro anos, e que o único responsável por ele ter tomado essa posição era o próprio Sarney que, ignorando o PFL do Rio, repassava todas as verbas federais para o Estado através do governador Wellington Moreira Franco, do PMDB. Dornelles reclamou do relacionamento de Moreira Franco com os pefelistas de seu Estado e, secamente, encerrou a conversa com o chefe do Gabinete

Civil. Assustado, o mineiro Ronaldo Costa Couto ligou para seu assessor parlamentar, Henrique Hargreaves, e relatou-lhe essas conversas. Ato contínuo, despachou-o para o Congresso, com a missão (naquela altura, já desesperada) de tentar estancar o sangramento que enfraquecia o governo na Sistematização. Faltavam quinze minutos para as 11h, quando Hargreaves irrompeu no chamado salão verde do Congresso Nacional — o diminuto emblema da Presidência da República rebrilhando na lapela de um terno azul claro de corte elegante —, esbafoado, atrás do deputado pernambucano Nilson Gibson. Isso era o sinal mais claro da insegurança do governo. Afinal, o peemedebista Nilson Gibson, 52, é um notório advogado de direita, que fez carreira política na Arena e depois no PDS (transferindo-se para o PMDB quando ficou claro que, pelo PDS de Pernambuco, suas chances de integrar a Constituinte eram mínimas). E Nilson Gibson não decepcionou Hargreaves: confirmou que ia votar contra os quatro anos.

O esforço de convencimento do governo ignorara, contudo, o único representante do PDC na Sistematização, deputado Siqueira Campos (GO), 59, de direita. A Sistematização aprovou o maior sonho de Siqueira Campos, que é a criação do Estado de Tocantins, e Siqueira votou pelos quatro anos para Sarney. Quando a contagem do voto do deputado goiano ecoou no gabinete de Carlos Sant'Anna, o ministro Prisco Viana marcou o voto no mapa que tinha a sua frente e disse: "Perdemos."



## HERRMANN E GASPARIAN DISCUTEM POR MANDATO

Com o adesivo "Diretas-88" na lapela do paletó, o deputado João Herrmann Neto, 41 (na foto, à esquerda, com o dedo em riste), tentava convencer seu companheiro de bancada do PMDB paulista Fernando Gasparian, 57, a somar esforços com o grupo da Comissão de Sistematização favorá-

vel a um mandato de quatro anos para Sarney. O diálogo, ocorrido em plenário pouco depois do meio-dia, terminou com ambos mantendo suas posições. João Herrmann Neto argumentou que o presidente da República é o pivô da atual crise de ingovernabilidade, enquanto Fernan-

do Gasparian respondeu que a duração do mandato presidencial era secundária em relação à necessidade de uma postura firme do Brasil quanto a sua dívida externa. O argumento de Gasparian é que votando nos cinco anos, ele poderia cobrar essa postura de Sarney.

## Theodoro queria diretas em 84; inverteu postura

Do enviado especial a Brasília

O deputado José Theodoro Mendes (PMDB-SP), 46, de centro-esquerda, confirmou ontem estar numa trajetória inversa à que cumpriu em 1984. Na época, após a derrota da emenda Dante de Oliveira (votada no dia 25 de abril, quando faltaram 22 votos para a obtenção dos dois terços dos votos que permitiriam sua apreciação pelo senado), foi sua a proposta que chegou a tramitar, sem no entanto ser votada, pela qual a sucessão do presidente João Baptista Figueiredo se faria pelas urnas, contornando assim o Colégio Eleitoral.

Ontem, o deputado e ex-prefeito de Sorocaba estava entre os dezoito peemedebistas derrotados na Comissão de Sistematização, por votarem contra a emenda que por enquanto antecipa a sucessão do presidente Sarney. Não foi propriamente uma surpresa: suas intenções eram amplamente conhecidas. Surpreendente foi seu comportamento agressivo em plenário: chegou a repreender a mesa porque o senador Mário Covas (PMDB-SP), líder do PMDB no Congresso constituínte, seu adversário, alongava-se num discurso.